



Citation: Pires, MdC. F. (2023) O Corpo que menstrua: contravizualidades no humor gráfico produzido por Fabiane Langona (2014-2021). *Quaderni Culturali IILA* 5: 27-36. doi: 10.36253/qciila-2473

Received: June 15, 2023

Accepted: October 10, 2023

Published: December 15, 2023

Copyright: © 2023 Pires, MdC. F. This is an open access, peer-reviewed article published by Firenze University Press (<http://www.fupress.com/qciila>) and distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

Data Availability Statement: All relevant data are within the paper and its Supporting Information files.

Competing Interests: The Author(s) declare(s) no conflict of interest.

Disclaimer: The views and opinions expressed in this article are those of the author(s) and do not necessarily reflect the views or positions of the editors.

ORCID:

MdCFP: 0000-0001-8618-4151

O Corpo que menstrua: contravizualidades no humor gráfico produzido por Fabiane Langona (2014-2021)

The Body that Menstruates: countervisualities in the graphic humor produced by Fabiane Langona (2014-2021)

MARIA DA CONCEIÇÃO FRANCISCA PIRES

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

E-mail: mariac.pires@unirio.br

Abstract. The article examines the use of graphic humor to guide menstruation in cartoons and strips by cartoonist Fabiane Langona, published between 2014-2021 in the *Folha de São Paulo* newspaper and in her *Instagram* and *Facebook* profiles. The central purpose is to point out how, through the use of the grotesque and irony, graphic and discursive elements that characterize her work, the cartoonist strives to destigmatize the theme, facing the established taboos about the menstruating body and menstrual blood. I defend the premise that by putting the menstruating female body on stage, with the pain and discomfort it carries during this period, Fabiane Langona seeks to modify the meanings that are historically attributed to them, as something dirty and shameful, and break with the visual silence in which it's wrapped. In this way, the artist builds counter-visualities, that is, transgressive images that go in the opposite direction to the historically interdicts placed on this theme, provoking reflections on them and on the meanings imputed to female bodies.

Keywords: feminine body, menstruation, graphic humor, comics.

Resumo. O artigo examina a utilização do humor gráfico para abordar a menstruação nos cartuns e *webtiras* da cartunista Fabiane Langona, divulgados entre 2014-2021 no jornal *Folha de São Paulo* e em seus perfis do *Instagram* e *Facebook*. O propósito central é assinalar como através do uso do grotesco e da ironia, elementos gráficos e discursivos que caracterizam sua obra, a cartunista se empenha em desestigmatizar o tema, enfrentando os tabus instituídos sobre o corpo menstruado e o sangue menstrual. Defendo a premissa que ao colocar em cena o corpo feminino menstruado, com as dores e incômodos que esse carrega durante esse período, Fabiane Langona procura modificar os sentidos que historicamente lhes são atribuídos, como algo sujo e vergonhoso, e romper como silêncio visual no qual está envolto. Desse modo, a artista constrói contravizualidades, ou seja, transgressoras imagens que vão na direção oposta aos interditos historicamente colocados sobre esse tema, provocando reflexões sobre os mesmos e sobre os significados imputados aos corpos femininos.

Palavras chave: corpo feminino, menstruação, humor gráfico, quadrinhos.

Em 07 de Outubro de 2021, foi sancionada a lei 14.214/21 que instituiu no Brasil o Programa de Proteção e Promoção de Saúde Menstrual e combate a precariedade menstrual. Originalmente, a proposta apresentada continha 08 artigos, dos quais 05 foram vetados, de modo que, na prática, a lei se transformou em apenas uma campanha informativa sobre o tema da saúde menstrual. Estima-se que cerca de 5,6 milhões de corpos que menstruam seriam beneficiados pela lei, incluindo homens trans e pessoas não binárias, em diferentes condições sociais e econômicas.

O embargo presidencial fez emergir entre quadristas feministas brasileiras um debate importante, mas ainda pouco visibilizado: a questão da pobreza menstrual e o seu impacto sobre a vida de milhões de corpos que menstruam. As redes sociais foram tomadas por mensagens de discordância à decisão presidencial e, como parte de meu campo de estudo, chamou-me a atenção as publicações de ilustradoras, quadristas e cartunistas tanto sobre o veto e a pobreza menstrual, quanto, sobre os preconceitos relacionados ao tema. Ressalto as publicações das cartunistas Iaanks, Fabiane Langona¹ e Thais Trindade em seus perfis no *Instagram*, em 07 de outubro de 2021, e, em 09 de outubro, as das cartunistas Carol Cospo Fogo, Aline Corteletti e Poliana Paiva.²

Nesse artigo, interessa-me discutir como o humor gráfico foi empregado como linguagem para discutir e tornar visível o próprio sangue menstrual e o menstruar, ambos rejeitados e inviabilizados nas sociedades em que o predominam as relações de dominação material e simbólica de homens sobre as mulheres e sobre todos os corpos que não são considerados pertencentes aos padrões normativos de raça, gênero e orientação sexual (Delphy, 2009). Especificamente, irei me debruçar sobre os cartuns e *webtiras* produzidos pela cartunista gaúcha Fabiane Langona³, cuja produção gráfica se sobressai pela adoção da ironia, do estilo grotesco (Bakhtin, 1993) e pelo prisma crítico adotado.

¹ O cartum publicado por Fabiane Langona já havia circulado anteriormente, em 26 de agosto de 2021, na *Folha de São Paulo*.

² Disponíveis no Instagram das artistas citadas: Iaanks, @iaanks; Thais Trindade, @artivistha, Fabiane Langona, @fabianelangona; Carol Cospo Fogo, @carolcospofogo; Aline Corteletti, @ilustraclementine; Poliana Paiva, @romanticuzinhos.

³ Jornalista de formação, a quadrista e cartunista Fabiane Langona nasceu em Porto Alegre em 1984 e atualmente vive na cidade de São Paulo. Em 2012 ganhou o prêmio Melhor Publicação de Humor do Troféu HQ MIX, participou de várias exposições, individuais e coletivas, e tem 02 livros publicados sob o codinome de Chiquinha: *Uma patada com carinho. As histórias pesadas da Elefoa Cor-de-Rosa* (2011), *Algumas mulheres do mundo* (2015) além do fanzine *A Mediocrização dos Afetos* (2017). Desde 2017 publica na seção de quadrinhos do jornal *Folha de São Paulo*. Há alguns anos deixou de usar o pseudônimo Chiquinha e passou a assinar com seu próprio nome.

A partir das análises anteriores que realizei sobre a obra de Fabiane Langona, constato o seu profundo interesse profundo pelo cotidiano, por tudo aquilo que é ordinário, e uma imersão em seu tempo, nas fraturas e indeterminações desse tempo (Pires, 2019a, 2019b). Em suas histórias, as personagens encenam situações corriqueiras, aparentemente banais, que destronam os estereótipos comuns atribuídos às mulheres e que servem de mote para pautar macro e micro violências cotidianas contra as mulheres, assim como para sublinhar as redes discursivas que, no intuito de nos disciplinar, operam em múltiplos campos: médicos, científicos, econômicos, jurídicos e religiosos, propagando e fixando identidades, papéis sociais e normas binárias.

A autora protagoniza grande parte de suas histórias através de autorretratos em que se representa em um corpo feminino sem artifícios estéticos e despadronizado e, por isso mesmo, autônomo e livre, cujos gestos, ações e práticas assumem uma postura avessa às imagens estereotipadas das mulheres e das relações de gênero. Os seus autorretratos, entretanto, não constituem uma autobiografia, mas mostram-se um recurso original para questionar a existência de uma arte feminina ou de mulheres, abordar de forma renovada uma agenda diversificada de temas como maternidade, interrupção voluntária da gravidez, as formas de violência patriarcal, racismo, desigualdade de classe, assédio, sexualidade, dentre vários, e, também, apresentar uma compreensão autocentrada de si (Giunta, 2018).

Para essa análise, selecionei cartuns e *webtiras* que foram divulgados entre 2014-2021 em seu perfil no *Facebook* e no *Instagram*, e que trazem a menstruação como foco central. Embora não tenha identificado uma linearidade ou uma tematização roteirizada sobre o mênstruo, algo como um conjunto de histórias sobre esse tema, a imagem de uma mulher menstruada frequentemente aparece em suas publicações, o que pode ser pensado como um esforço de falar abertamente sobre um fenômeno fisiológico que é tratado como um tabu. Interessa-me analisar como a adoção de um viés não depreciativo sobre esse tema fere esse código de silêncio e ojeriza instituídos e propagados e pode ser concebido como uma ruptura estética desse silêncio.

Meu propósito neste artigo é, portanto, examinar como a alusão a menstruação nas *webtiras* e cartuns de Fabiane Langona entra em colisão com dogmas e tabus existentes sobre o assunto. Para tanto, centrarei a análise sobre os recursos gráficos empregados para conferir um caráter crítico e emancipador à sua perspectiva. Minha atenção volta-se a dois elementos que constituem o cerne dessas *webtiras* e cartuns: a visceralidade do corpo que menstrua e tudo que ele carrega junto com o menstruar

e a exposição do líquido vermelho que escorre desse corpo, o sangue menstrual. Acreditando na premissa de que se há opressão, há também resistência e luta, mais que enfatizar as restrições colocadas sobre a menstruação e os corpos que menstruam, interessa-me colocar em primeiro plano como a artista constrói o que Nicholas Mirzoeff (2016) denomina de contravisuais, ou seja, transgressoras imagens que vão na direção oposta aos tabus instituídos. Assim como questiona e problematiza as pedagogias da sexualidade, em geral «sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura» (Louro, 2000, p. 13), provocando reflexões sobre os mesmos e sobre os significados imputados aos corpos femininos.

ESSE CORPO QUE MENSTRUA

Para explorar as representações da menstruação nos cartuns e *webtiras* de Fabiane Langona, não se pode negligenciar a imagem produzida sobre o corpo que menstrua. Nesse artigo, seguindo a narrativa construída pela artista, irei centrar o foco no corpo da mulher que menstrua, sem mencionar outros corpos que menstruam, embora o tema da pobreza menstrual e dos tabus relativos ao mênstruo envolvam todos esses corpos. Mas, reitero, seguirei a abordagem privilegiada pela cartunista que, por sua vez, quando trata do tema, fala a partir de si sem, com isso, defender a cisheterossexualidade como norma.

Colocar em cena um corpo de mulher distante do modelo corporal social e historicamente construído a partir de códigos falocráticos e do olhar objetivador para e sob os desejos masculinos, é um modo de combater esses códigos e as relações de poder e hierarquia que eles engendram. Nas décadas de 1960 e 1970, mulheres artistas trouxeram para os diferentes campos visuais representações dos corpos femininos que incorporavam demandas e discussões travadas nos feminismos, especialmente sobre papéis sexuais, relações de gênero e tabus, resultando em outros modos de ação política que potencializavam esses debates.

Pintar, desnudar, paramentar os corpos é um ato frequente em manifestações e protestos feministas. Tais ações são modos de transformá-los em instrumentos políticos que expressam as demandas que orientam tais manifestações e ressignificam determinadas construções imagéticas e narrativas sobre os corpos que protestam. Ao escrever me vem à mente formas de ações plurais em que o corpo figura como artefato político e elemento chave para enunciação do discurso: os corpos *seminus* que integram a Marcha das Vadias, as barrigas grávidas com dizeres sobre a voluntariedade da maternidade em manifestos pelo legalização da interrupção voluntária da

gravidez, o uso de turbantes e roupas para referenciar a ancestralidade nos Movimentos de Mulheres Negras, a gestualidade corporal na performance/protesto *O Violador é Você*, dentre tantas outras. Os corpos das mulheres integram de diferentes formas as manifestações para colocar em discussão a sua construção, desnaturalização e politização.

A função política do corpo foi incorporada também por movimentos ambientalistas, anticapitalistas, rurais, LGBTQIA+s, dentre outros. Ao analisar as manifestações de massa nas ruas e praças, Judith Butler (2018) destaca como a congregação de corpos plurais que se reúnem com propósitos políticos, em silêncio ou não, parados ou gesticulando, expressa uma reivindicação de existência e presença no espaço público. Em sua concepção todas as ações, mesmo as virtuais, são corporais, por isso faz-se necessário observar com atenção as dimensões corporais dessas ações, o que os corpos pleiteiam e o que podem fazer. Butler afirma que a reunião, manifestação e exibição de determinados corpos, como as pessoas transgênero na Turquia e/ou as mulheres que usam véu na França, cujas presenças são vedadas nos espaços públicos, expressa a refutação dessa norma perversa e um empenho em reafirmar seu direito em ocupar esse espaço.

Tão opressivos quanto os alicerces materiais e sociais que mediam a concepção do corpo feminino, são «as estruturas da linguagem e outras práticas significantes que codificam o corpo da mulher [...]» (Dallery, 1997, p. 64) e é por isso que se mostra relevante se apropriar discursiva e imagetivamente do próprio corpo, criar imagens e códigos de linguagem que revertam e desconstruam os existentes, assim como os binarismos e hierarquias que lhes acompanham. Nesse sentido, me parece apropriado mencionar o argumento de Hélène Cixous (2022) sobre o imperativo de uma tomada da linguagem, em todas suas formas e expressões, e da gramática cultural que confere sentidos às práticas. Em suas palavras:

[...] É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos; [...] É preciso que ela se escreva, porque é a invenção de uma escrita *nova, rebelde* que, quando chegar o momento da libertação, lhe permitirá realizar as rupturas e as transformações indispensáveis na história, a princípio em dois níveis inseparáveis: a) individualmente: escrevendo-se, a mulher retornará a esse corpo seu, que fizeram mais do que confiscar, transformando-o num estranho do qual temos medo ao atravessar a rua –o doente ou o morto–, e que tantas vezes torna-se mau companheiro, causa e origem das inibições. (Cixous, 2022, pp. 41-52).

Parece-me óbvio que ainda que Cixous esteja falando de uma política da escrita do corpo (Dallery, 1997), sua proposição diz respeito a um contrapor-se às práticas existentes que dão sentido a cultura, fetichizam e fracionam o corpo feminino em pedaços de carne, o destituindo de autonomia.

Quando Audre Lorde (2019) afirmou a incoerência em usar as ferramentas do patriarcado racista para esmiuçar suas implicações em nossas existências de mulheres negras, estava fazendo alusão ao imperativo de se empregar e criar outros instrumentos para a crítica ao modelo patriarcal racista e da imprescindibilidade de abraçar as nossas diferenças como mulheres, ao invés do simples reconhecimento de que somos diferentes.

O corpo tem uma centralidade radical na obra gráfica de Fabiane Langona sobre a menstruação. Ele tanto carrega a mensagem principal, como funciona como meio para expor essa mensagem, afrontando as normas de exposição dos corpos femininos nos espaços públicos. Dois elementos se sobressaem nessas histórias: o caráter não idílico com que são tratados o estar menstruada e a menstruação e a adoção do estilo grotesco para alcançar esse fim. O emprego do estilo grotesco, ainda interdito às mulheres, para celebrar de forma enérgica a sua diferença, transforma esses desenhos em uma narrativa política na medida em que questiona as normas sociais que cerceiam e tentam definir tais corpos. A esse questionamento se junta um exercício de liberdade e autonomia sobre seu corpo e sexualidade.

Assim como a alienação do trabalho nas classes trabalhadoras, manter as mulheres alienadas do próprio corpo é crucial tanto para eclipsar e emudecê-las, como para impedir que a sua sexualidade se desenvolva de forma autônoma e plena, tornando-se, desse modo, produto das projeções androcêntricas (Dimen, 1997).

O corpo da mulher desenhada por Fabiane Langona não é balizado e definido por práticas discursivas falocêntricas; Transgressor, é abundante e não se mostra cativo ou passivo. A protagonista não teme pronunciar seus desejos e sua soberania; ao contrário, ela os anuncia sempre que coloca seu corpo à mostra, como podemos ver na figura abaixo (fig. 1).

Examinando o nu feminino na pintura clássica, Berger (2018) destaca que este se destina a satisfazer o espectador masculino. Além disso, o autor identifica alguns artifícios empregados pelos artistas para licenciar o espectador voyeur de forma a tornar a mulher representada como desejosa de ser observada, como a inserção do espelho na imagem. Tais recursos servem tanto como uma autorização para a objetificação do corpo para o qual se olha, como para acentuar a sua sensualidade. Finalmente, Berger pontua a condição passiva que

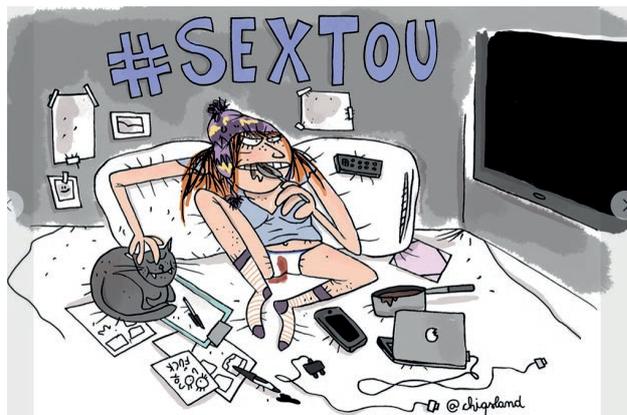


Fig. 1. Fabiane Langona, #SEXTOU, 25/08/2017. Facebook Fabiane Langona Corp.

se coloca a mulher representada quando em nu frontal e que não expressa seus próprios sentimentos, mas o do autor do quadro ou do seu proprietário.

O frequente nu frontal de Fabiane é ativo tanto pelo que a personagem enuncia, como pelo que seu corpo carrega, ou seja, tudo aquilo que é execrado pelos padrões estéticos de feminilidade: pêlos, líquidos, marcas, opulência, flacidez. Potente, é um corpo erótico no sentido propalado por Lorde (2019), porque afirma sua pujança e compartilha sua força criativa e o gozo de ter a posse de si mesma (fig. 2).

A ironia presente no diminutivo que acompanha as perguntas: «Tão com medinho? Ou nojinho?», evidencia a tensão entre rejeição/desejo que acompanha o corpo feminino. Ora esse corpo é idealizado e, por isso mesmo, desejado, quando inscrito na compreensão normativa do que é belo e fecundo, ora é rejeitado, ocultado e cerceado por essa mesma forma de racionalidade, aparelhada por pressupostos morais para justificar e cristalizar essa rejeição/ocultamento.

Em seu estudo sobre o corpo e o cabelo negro como suportes simbólicos da identidade negra no Brasil, Nina Lino Gomes (2008) discute a construção histórica da noção de limpeza e como a associação entre sujeira, pecado, imoralidade, passa a se estender a grupos marginalizados como negros, mulheres, pobres, dissidentes sexuais, pessoas com deficiências, dentre outros. Esse processo constitui uma hierarquização no interior dessa sociedade assepsizada, cuja interiorização se desdobra na ideia de que corpo limpo seria sinônimo de ordem e disciplina.

Até os dias atuais, o corpo menstruado está envolto, ainda que temporariamente, numa aura de impureza que, para alguns grupos sociais o impede de realizar determinadas tarefas ou praticar determinadas ações (Sardenberg, 1994). Associadas à essas limitações identifica-se a atuação

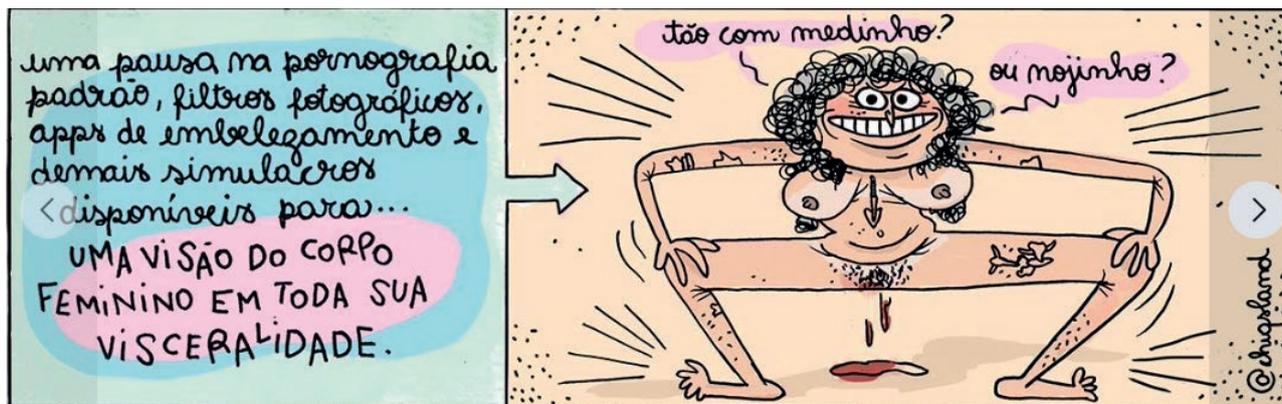


Fig. 2. Fabiane Langona. *Folha Cartun*, 09/11/2018. Folha de São Paulo. «Uma pausa na pornografia padrão, filtros fotográficos, apps de embelezamento e demais simulacros disponíveis para... UMA VISÃO DO CORPO FEMININO EM TODA SUA VISCERALIDADE. Tão com medinho? Ou nojinho?».

das indústrias farmacêuticas e de cosméticos para encobrir essa condição, tornando esse corpo supostamente perfeito, sem sangrar, sem odores (Ratti et al., 2015).

O corpo menstruado que Fabiane desenha, constantemente com as pernas abertas e a genitália exposta, refuta a imputação de sujeira física e moral historicamente atribuídas. Tal qual proposto por Cixous (2022), ela reescreve o corpo feminino ao apresentá-lo sem enfeites ou censura. Ele ostenta tudo aquilo que uma racionalidade branca ocidental cristã patriarcal heteronormativa rejeita e insiste em ocultar, ao mesmo tempo em que explicita a tensão e ambiguidade existentes na sua idealização e coisificação. Expressa e desafia, portanto, a complexidade que envolve as imagens sociais assépticas construídas, e muitas vezes interiorizadas, das mulheres e que se entrelaça a um processo de domesticação do seu corpo.

Não são corpos dóceis que se sujeitam ao controle externo, às práticas da feminidade ou aos ideais estéticos contemporâneos que atormentam a vida de muitas mulheres (Bordo, 1997). Inclusive o sangue que deles escorre, também não é contido. Ao contrário, é sempre colocado à mostra, normalizado, ainda que a sua exposição implique também pôr em xeque a banalização de alguns dos desagradáveis sintomas e efeitos nesses corpos.

Os corpos menstruados apresentados por Fabiane se contrapõem às visuais normativas, que ensinam e controlam; se constituem, portanto, em uma estratégia gráfica, uma contravisualidade que enfrenta visualmente os estigmas relacionados a menstruação e que, muitas vezes, geram impactos inestimáveis tanto na autoestima, como na socialização dos corpos que menstruam.

A exposição do sangue menstrual é o segundo aspecto que quero destacar na produção gráfica de

Fabiane Langona. Interessa-me pontuar como sua representação entra em conflito com uma formação discursiva reiterada por diferentes redes de saber e poder: mídia, indústria farmacêutica e de cosméticos e pelo Estado.

O LÍQUIDO VERMELHO QUE ESCORRE DESSE CORPO

Com exceção do cartum acima, Fabiane não idealiza ou romantiza a menstruação. Em contraposição ao que muitas vezes identifica-se em propagandas de absorventes⁴ que apresentam modelos felizes, ativas e dispostas, trajando roupas brancas, reforçando o anseio de higiene almejado pela sociedade, para ressaltar questões como proteção, discricção e conforto (fig. 3).

Guacira Lopes Louro (2000) discorre sobre o papel pedagógico que a mídia executa sobre os comportamentos sociais de homens e mulheres de forma a reiterar identidades e práticas hegemônicas e, ao mesmo tempo, refutar outras identidades e práticas, embora «essas instâncias disponibilizem representações divergentes, alternativas, contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente» (Louro, 2000, p. 19, 20). Nesta e em outras redes de saber e poder, como escola e Igreja, a menstruação aparece como algo impuro, fétido, e que, por isso, deve ser escondido a todo custo. Em vários trechos bíblicos encontra-se referências a essa condição de impureza que a mulher supostamente adquire quando menstrua:

⁴ Em um visível esforço para se adequar aos novos discursos e demandas, marcas como *Sempre Livre*, *Intimus* e *Buscofem* criaram campanhas publicitárias com enfoques mais plurais sobre a menstruação e pessoas que menstruam (Gomides, Santana, 2019).



Fig. 3. Fabiane Langona. *Sem título*, 07/10/2021. @fabiane_langona.

A mulher, quando tiver o fluxo de sangue, se este for o fluxo costumado do seu corpo, estará sete dias na sua menstruação, e qualquer que a tocar será imundo até à tarde. Tudo sobre que ela se deitar durante a menstruação será imundo; e tudo sobre que se assentar será imundo. [...] Se um homem coabitar com ela, e sua menstruação estiver sobre ele, será imundo por sete dias; e toda cama sobre que ele se deitar será imunda. [...] Porém quando lhe cessar o fluxo, então, se contarão sete dias, e depois será limpa. (*Bíblia*, “Levítico 15”, pp. 19-21, 24-25, 28).

O controle do corpo feminino passa também pelas mãos do Estado, quando este se torna o único responsável pela legislação sobre a contracepção, o aborto, o parto (Dimen, 1997). Sob o imperativo cisheteronormativo patriarcal, Estado e escola atuam em conjunto na construção e difusão de normas culturais que regulam, gerenciam e qualificam os corpos para o convívio social. O limite imposto à propagação de um conhecimento mais complexo sobre a pluralidade dos corpos e sexualidades das mulheres, generaliza uma perspectiva simplista do corpo feminino que o restringe a vagina, compreendida como a totalidade da genitália. Nessa rede discursiva de poder, a mídia tem o importante papel de confeccionar discursos e significados que reiteram essas normas, de tal modo que os sujeitos se identificam com estas passando a assumi-las.

As peças publicitárias de absorventes descartáveis são um achado especial sobre essa construção discursiva da mídia e sua atuação na domesticação dos corpos femininos. Adota-se uma paleta de cores suaves tanto para vestir as modelos, em geral brancas, como para ilustrar o sangue menstrual, que até 2018 era representado na cor azul, e ao empregar frases categóricas como: «cuide-se», «evite acidentes», «opte por versões discretas» (Gomides, Sant’anna, 2019, p. 254). Em conjunto

com tais recomendações, vieram os produtos de higiene criados por empresas de cosméticos especialmente para esse fim, tais como sabonetes íntimos, de calcinhas, dentre outros que constituem um verdadeiro arsenal de mascaramento do que, paradoxalmente, é compreendido como natural, próprio das mulheres.

Em síntese, até porque me parece impossível aprofundar com a necessária densidade o desenvolvimento histórico do conjunto de atuação dessas redes de poder e saber, essa pedagogia cultural é fundamental para construir, propagar e reforçar tabus e o controle sobre os corpos femininos, assim como delimitar os papéis sociais destinados às mulheres (Louro, 2000).

Os cartuns e *webtiras* de Fabiane vão em direção oposta a esse imaginário hiperhigienizado, indolor e inodoro e onde suportar em silêncio as dores, o cansaço, a insatisfação, faz parte do processo de construção de uma mulher domesticada, civilizada, com comportamentos considerados adequados. A artista esmiuça e dá concretude aos incômodos que muitas vezes acompanham o mêsstruo, como cólicas, inchaços, dores de cabeça, intensidade do fluxo, alterações no humor, entre outros, sem adoção de termos ascéticos ou imagens e cores que sirvam como atenuantes estéticos.

No segundo quadro da *webtira* abaixo, a lágrima no rosto, o corpo curvado e a nuvem com um raio em sua direção, indicam a condição dolorosa vivida pela protagonista que utiliza a ironia para abordar a trivialização da dor nas pessoas que menstruam. A *gag* final não provoca riso, mas reflexão. De forma, a meu ver, contraditória, o bloqueio que se coloca às pessoas menstruadas, comumente vistas como sujas, e à menstruação, tratada como um dejetivo impuro, não significa a possibilidade do afastamento dessa pessoa por falta de condições físicas para executar atividades diárias, ainda que esta sofra



Fig. 4. Fabiane Langona. *Folha Cartum*, 01/03/2019. Folha de São Paulo. «Hoje não vai ter tirinha. A autora está com uma TPM horrível, cérebro e sutiã explodindo, além de uma intensa vontade de morrer. Desculpe, a tira foi essa. Nem eu nem nenhuma mulher pode se ausentar do trabalho sob a alegação do quadro anterior.»



Fig. 5. Fabiane Langona. *Folha Cartum*, 18/09/2021. Folha de São Paulo. «Não sei mais o que fazer para ser lembrada como uma iconoclasta!!! Me dêem ideias!!!».

de múltiplos incômodos durante esse período; nesse momento, o mênstruo é algo natural, ainda que cientificamente a dor não o seja para nenhum ser vivo (fig. 4).

A artista explora essa contradição e rompe com o silêncio imposto aos corpos que menstruam, frequentemente obstruídos de falar de suas experiências sem artifícios que produzam discursos disciplinados, adequados ao que se deseja ouvir. Essa contradição, da perspectiva que identifica a mulher menstruada como impura, suja, mas cujo sofrimento não merece ser reconhecido, o que implica, por sua vez, em uma inaptidão seletiva para exercer determinadas funções sociais, me remete ao argumento desenvolvido por Freud (2012) sobre o caráter ambivalente dos tabus.

Refiro-me pontualmente a sua observação de que embora não se possa determinar em que momento se criaram os tabus, é fato que é imposto por uma autori-

dade que limita as aspirações humanas e que é envolto em uma ambivalência ao ser entendido como sagrado e como impuro. Esta ambivalência se estende às ações em relação ao tabu uma vez que junto com as censuras vem a obediência e a renúncia que, por sua vez, pode vir seguida da frustração; por outro lado, pode gerar ainda o desejo de infringi-las, o anseio por liberdade.

Esse é o aspecto que interessa-me assinalar: o empenho da artista em afrontar as censuras e limitações. Para tanto, o grotesco é empregado como recurso estético que rompe com um segundo silêncio: o silenciar visual, ou seja, códigos e convenções textuais e pictóricos utilizados no campo visual e que favorecem a incorporação da rejeição ao tema. Ainda que a cartunista explore o imaginário que identifica o sangue menstrual como algo maldito, sujo e que, por isso mesmo, deve ser ocultado, o mênstruo não oblitera, nem despotencializa essa mulher.



Fig. 6. Fabiane Langona. *Sem título*, 29/01/2021.

Ao invés de um corpo dócil e regulado, visualizamos um corpo profanador e desejante. Associada a uma perspectiva feminista, a presença corpórea hiperbólica corrobora para escancarar as arbitrariedades que envolvem as interdições sociais aos corpos que menstruam. Esse corpo desmedido, ininteligível, se impõe frente ao espaço público que o nomeia, ao mesmo tempo em que o nega (Butler, 2020).

Por fim, seus desenhos também não propõem a valorização ou sacralidade do fluxo menstrual, numa linha próxima à empreendida por círculos de mulheres que vinculam o poder feminino à ciclos como menarca, gravidez e menopausa e onde o sangue menstrual adquire centralidade (Cordovil, 2015). Aliás, nas imagens do útero publicadas em 21/01/2021 e 29/01/2021 a artista se posiciona abertamente contrária a sacralização da menstruação ao colocar um sangrante útero raivoso, vigoroso, escuro, vermelho, ora com a legenda «inchado feminino», numa alusão irônica ao «sagrado feminino», ora afirmando «hoje não tô a fim de ser sagrada» (fig. 6).

Muitas são as implicações políticas advindas do exercício de escrever e desenhar o próprio corpo, uma vez que junto com o autogoverno do seu corpo, vem a soberania sobre tudo o que o compõe: seus fluidos, secreções, cheiros, libido, erogeneidade, pois todo ele pode ser uma zona de prazer. Uma das principais implicações está na criação de representações positivas que deslocam estereótipos femininos, e se esforçam para nulificar as normas culturais e pressupostos que regem as relações entre os corpos, em um processo de emancipação política dos corpos e das subjetividades.

Nos cartuns e *webtiras* de Fabiane Langona, abordar imageticamente a menstruação e o sangue menstrual, apontando os processos de normatização e disciplinamento dos corpos menstruados e que menstruam, assim como para os tabus a eles associados, tem se mostrado um modo de abordar também as históricas opressões de gênero; ao mesmo tempo, a crítica ao ideal estético

contemporâneo para mulheres emerge quase como um imperativo nessas imagens.

PELA LIBERDADE E APOIO AOS CORPOS QUE MENSTRUAM

O empenho em desestigmatizar a menstruação está presente na produção de várias artistas contemporâneas que ora utilizaram o mênstruo como elemento material de suas obras, ora o colocaram no centro da sua produção visual. Destaco o trabalho da artista americana Vanessa Tiegs, considerada pioneira em utilizar esse tipo de material, que coletou o próprio sangue menstrual por 03 anos (2000-2003) para pintar os 88 quadros que compõem a série *Menstrala*. Assim como o quadro pintado pela romena Timi Pall que por 09 meses, a cada ciclo menstrual e o tempo de uma gestação, colheu seu fluxo para transformar em tinta a ser usada para desenhar a imagem de um feto. Do mesmo modo, as artistas visuais brasileiras Marília Siñani e Romã Neptune, inspiradas na noção de sagrado feminino, utilizaram o próprio sangue coletado como pigmento a ser utilizado em obras que abordam temas como autoconhecimento e os processos cíclicos da vida.

Merecem relevo ainda as exposições *Sangro*, *Pero no Muero* da fotógrafa espanhola Isa Sanz que reuniu 14 fotografias em grande formato e 02 vídeos-declarações para compor uma exposição em que relaciona a força criativa das mulheres aos ciclos menstruais, e *Isilumo Siyaluma* da fotógrafa e ativista sulafricana Zanele Muholi que retratou o sangue menstrual para abordar as dores de uma época e que não se referem apenas as dores menstruais, mas as advindas de crimes de ódio contra comunidades LGBTQIA+. A questão dos interditos sociais e culturais a menstruação está presente também na primorosa HQ *A Origem do Mundo - Uma História Cultural da Vagina ou A Vulva VS. O Patriarcado*, escrita e desenhada pela sueca Liv Strömquist, campeã de vendas mundialmente, em que aborda a construção histórica de discursos e teorias sobre o corpo feminino.

Essas artistas propõem uma ruptura epistêmica com a produção artística contemporânea quando resignificam a menstruação e realizam, de forma original, usos inabituais do sangue menstrual. Assim, tanto questionam concepções monolíticas sobre o mênstruo, como alteram o sentido que lhe é atribuído. De algo repugnante e vergonhoso, o próprio sangue menstrual converte-se em meio de expressão criativa. Se esse tipo de arte não alcança a ruína completa dos discursos e práticas que fundamentam os tabus e estigmas associados ao mênstruo, ao menos executam abalos estéticos sobre essas formas de compreensão.

Destacar essas produções artísticas parece-me pertinente para pontuar outras expressões artísticas que tematizaram a questão, propondo uma reflexão aprofundada sobre o tabu que envolve o menstruar e o mênstruo.

No campo acadêmico, estudos voltados para as visualidades pedagógicas produzidas sobre a menstruação assinalam como nos livros didáticos a genitália feminina é representada de forma indireta, ora de lado, ora através de desenhos dos ovários, útero, tubas uterinas. Isso incide no desconhecimento por parte das meninas e mulheres sobre as partes externas que integram a vulva, «até mesmo a nomenclatura é comumente usada de forma errônea, pois, quando as pessoas falam, quando se permitem pronunciar, “vagina”, gostariam de se referir à vulva» (Gomides, 2020, p. 18). Esse desconhecimento é fundamental para a experiência da dominação (Dimen, 1997) e para a alienação do corpo e da sexualidade das mulheres que passam a ser dirigidos, definidos e determinados por um sistema de opressão patriarcal.

Recupero esses estudos para demonstrar a importância política, pedagógica, cultural e simbólica de se falar e desenhar sobre a menstruação e o corpo que menstrua. Os hiperbólicos corpos menstruados, livres, grotescos, rebeldes e provocativos desenhados por Fabiane Langona expressam desvio possíveis às pedagogias da sexualidade (Louro, 2000) e aos dispositivos de controle e de disciplina (Foucault, 1999). Atuam, portanto, como corpos-bandeira (Gomes e Sorj, 2014) que ao invés da vitimização, da vergonha ou do medo apostam na insubordinação e na transgressão, dando um sentido de agência a protagonista das histórias.

Entendo que o corpo grotesco que protagoniza os cartuns e *webtiras* de Fabiane é uma proposição estética de gênero que dessessencializa os padrões de sexualidade e comportamento, e encena um contradiscurso que transcende e, ao mesmo tempo, desmonta os discursos hegemônicos (Pires, 2019a, 2019b, 2020). O resultado desse tipo de abordagem é uma produção artística que se notabiliza pelo frequente confronto dos estereótipos, padrões e normas impostos às mulheres. São nesses momentos, de identificação daquela piscadela de olho dada pela humorista, que se concretiza o pacto de leitura entre autora/leitora/leitor e que pode funcionar como meio de tonificar uma experiência libertária para essa leitora/leitor ridente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bakhtin, Mikhail. 1993. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François*

Rabelais. São Paulo, Hucitec; Brasília, Editora da Universidade de Brasília.

Berger, John. 2018. *Modos de Ver*. Lisboa, Antígona.

Bordo, Susan. 1997. “O Corpo e a Reprodução da Feminidade: uma apropriação feminista de Foucault”. Alisson M. Jaggar, Susan R. Bordo (orgs.), *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro, Record/Rosa dos Tempos, pp. 19-41.

Butler, Judith. 2018. *Corpos em Aliança e a Política das Ruas: notas para uma teoria performativa de assembléia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Butler, Judith. 2020. *Corpos que Importam. Os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo, N-1 Edições.

Chiquinha. 2011. *Uma patada com carinho. As histórias pesadas da Elefoa Cor-de-Rosa*. São Paulo, Leya.

Chiquinha. 2015. *Algumas Mulheres do Mundo*. Rio de Janeiro, Morula.

Cixous, Hélène. 2022. *O Riso da Medusa*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo.

Cordovil, Daniela. 2015. “O Poder Feminino nas Práticas da Wicca”. *Revista Estudos Feministas*, vol. 23, nº 02, agosto, pp. 431-449.

Dallery, Arleen B. 1997. “A Política da Escrita do Corpo: *écriture feminine*”. Alisson M. Jaggar, Susan R. Bordo (orgs.), *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro, Record/Rosa dos Tempos, pp. 62-78.

Delphy, Cristine. 2009. “Patriarcado (teorias do)”. Helena Hirata et al. (orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo, Editora UNESP.

Dimen, Muriel. 1997. “Poder, Sexualidade e Intimidade”. Alisson M. Jaggar, Susan R. Bordo (orgs.), *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro, Record/Rosa dos Tempos, pp. 42-61.

Foucault, Michel. 1999. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, Editora Vozes.

Freud, Sigmund. 2012. *Obras completas: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros*. São Paulo, Companhia das Letras.

Giunta, Andrea. 2018. *Feminismo y Arte Latinoamericano*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Siglo XXI Editores Argentina.

Gomes, Carla de Castro. 2018. *Corpo, emoção e identidade no campo feminista contemporâneo brasileiro: a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Tese de doutorado.

Gomes, Carla, Bila Sorj. 2014. “Corpo, Geração e Identidade: a Marcha das vadias no Brasil”. *Sociedade e Estado*, vol. 29, nº 02, agosto, pp. 433-447.

Gomes, Nilma Lino. 2008. *Sem Perder a raiz. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica.

- Gomides, Lana de Araújo. 2020. *Deixa meu Sangue Escorrer. Como as visualidades operam sobre os sentidos da menstruação?* Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Dissertação mestrado em Artes e Cultura Visual.
- Gomides, Lana de Araújo, Thiago Fernando Sant'anna. 2019. "A Mordida de Eva: uma reflexão sobre o percurso opressor ao corpo feminino". *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, pp.72-86.
- Lorde, Audre. 2019. *Irmã Outsider. Ensaio e conferências*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Louro, Guacira Lopes. 2000. "Pedagogias das Sexualidades". *O Corpo Educado*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Mirzoeff, Nicholas. 2016. "O direito a Olhar". *Educação Temática Digital*. Campinas, SP, vol. 18, n. 4, novembro, pp.745-768. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472> . [Consultada em 20/11/2022].
- Pires, Maria da Conceição Francisca. 2019a. "Outras mulheres, outras condutas: feminismos e humor gráfico nos quadrinhos produzidos por mulheres". *Art-Cultura (UFU)*. vol. 21, n. 39, dezembro, pp. 71-87.
- Pires, Maria da Conceição Francisca. 2019b. "Mulheres desregradas: autorretratos e o corpo grotesco nos cartuns de Chiquinha". *Topoi*, vol. 20, n. 41, maio-agosto, pp. 302-316.
- Pires, Maria da Conceição Francisca. 2020. "A defesa da interrupção voluntária da gravidez nos cartuns "Abortinho" de Fabiane Langona (2015-2017)". *Tempo e Argumento*, vol. 12, n. 31, Outubro, pp. e0101.
- Ratti, Claudia Ramos et al. 2015. "Tabu da Menstruação Reforçado pelas Propagandas de Absorvente". *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Rio de Janeiro, Setembro, s/p.
- Sardenberg, Cecília. 1994. "De Tabus, Sangrias e Poderes. A menstruação numa perspectiva antropológica". *Revista Estudos Feministas*. vol. 2, nº 02, pp. 314-344.